



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 124
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
28 de Novembro de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

PEDITÓRIOS

DISSE missa mais cedo na aldeia, para chegar a tempo à igreja de Cedofeita, como cheguei. A's nove, estava no altar. Antes de sair de casa lancei os olhos em redor. Estavam todos à mesa ocupados com pucaros de leite quente e nesta ocupação os deixei. Um mundo a levantar o mundo! Que grande, que imenso, que belo título não levei eu comigo! Que formidável autoridade para pedir na igreja de Cedofeita! De onde me vem? Muito simples: Cento e cinquenta pucaros de leite quente postos ao serviço de outros tantos rapazes da rua, que nem sequer o das mães beberam! Aqui está.

O assunto principal de que tratei no altar, foi a nossa tipografia. Evidentemente que se não trata de um caso comercial. Não é um negócio a nossa tipografia. Se o fôra, não poderia jamais subir com ele ao altar. Prega-se o trabalho à luz do Evangelho. Assim como os pucaros de leite, assim o trabalho é necessário à formação total dos que hão-de ser amanhã homens uteis ao homem.

Nós temos este ano lectivo da nossa escola um grupo de 40 rapazes na quarta classe: Isto quer dizer que no fim, temos outros tantos rapazes aptos ao trabalho. Mas acontece que muitos deles, a maior parte deles, não pode sair de casa, por doentes... O *Pirulas*; o *Pirulas*, tão falado aqui e que estava colocado no Porto, — teve de regressar à base...! Por aqui se pode ajuizar da gravidade dos males da Rua.

Ora muito bem. Que vamos nós fazer no próximo mês de Julho, a 40 finalistas? Eis o cuidado. Este é o cuidado que nos faz trabalhar. Uma tipografia.

O peditório deu seis contos. E' nada em relação aos quinhentos. E' muito, muitíssimo, para começar. Claro está que nenhum dos presentes trazia na algibeira aquela soma. As igrejas não são lugar de negócio. Mas o certo é que muitos dos que ouviram o apêlo, teem quinhentos contos... O resto, não é comigo nem com eles. Sim, digo bem. Nem com eles... Os instrumentos de Deus são instrumentos e nada mais... Esta doutrina é certa. Que o Senhor Rodrigues da Rua do Almada não tenha medo. A rua do Almada é no Porto. O Porto não me deixa ir ó fundo!

Chegado a casa naquela mesma tarde, soube de um dos cicerones que *uma mulherzinha*, como ele disse, tinha deixado ficar um envelope, com ordem muito expressa de me ser entregue a mim. *Ela disse que o não desse a ninguém. Era uma mulherzinha pobre.* Tomei o envelope e abri. Uma nota de quinhentos! *Ela era pobre.* Não tenha medo, senhor Rodrigues. O dinheiro dos pobres é forte.

No dia seguinte, aparece um carro ligeiro na aldeia. Eram uns senhores. Não aceitaram cicerone por quererem falar particularmente comigo. *Vai dizer que é um caso importante.*

Os senhores entraram no chamado meu escritório e perguntaram se a obra tinha estatutos. Tem sim senhor. A obra tem estatutos. Mas estão no Diário do Governo? *Olhe, tem aqui uma cópia. Pode levar.*

Os senhores assomam à janela do chamado meu escritório. Dilatam a vista. Inumeras crianças trabalham ali ao pé, num desatêrro, com pequeninas padiolas, comandados por um chefe. Traba-

lho intermitente. Agora e logo, brinca-se um bocadinho. São creanças. Outros saem das escolas. Lá ao fundo, andam os da erva e ao pé, vacas a pastar. Agora é o coração. Os senhores dilatam o coração:

Sim senhor. Herança muito bem deixada.
A seguir, os senhores contam-me a história da herança vindouira. Eu escutei e falei. Além dos estatutos, disse, temos as nossas constituições aonde se afirma para valer esta palavra dura: *E' proibido aceitar heranças.*

Tal-qual, meus senhores, continuei. Nós não queremos espólios. A nossa fortuna é de natureza diferente. Ou não ressuscitou o Expoliado?! Ressuscitou sim senhor.

Atraz de uma herança, viria outra. Com elas, entrava a riqueza na obra. Por ela, a cobiça e com esta, senhores administradores. Administradores dos Bens da obra, que não do Bem dos rapazes. Ora nós queremos na Obra da Rua Pelicanos que tirem sangue do peito para alimentar os filhos, — e isto *sõmente* é possível com a

Pobreza. Se alguém não acredita nas realidades fundas do Evangelho, veja com os seus próprios olhos os esqueletos dos asilos e outras casas chamadas de caridade, que vivem de heranças e morrem à míngua. Ainda ontem vinha nos jornais, que o director de certo asilo em certa cidade, tinha ido a Lisboa falar com o Subsecretário da Assistência, a quem ia pedir verba ou entregar a casa! Isto dizia o jornal, e deve ser verdade porquanto, uma vez que eu fui pedir às igrejas daquela cidade, a convite de alguém, soube ao depois que a Mesa d'aquela asilo se insurgira contra a ideia...! Uma desgraça chama outra desgraça. *Mea sunt omnia*, diz o Senhor. Tudo é d'Ele, e nós também. Que falta tem feito, ou possa vir a fazer à Casa do Gaiato as imensas quantias atribuídas a obras congeneres?!

Os administradores dos Bens, esquecem-se naturalmente do Bem dos rapazes, e quando aqueles faltam, despedem estes. Fecham-se as portas e entrega-se a casa!

Oh Pelicano, que morres exangue... por amor! E' precisamente este amor operoso que *produz* e vem trazer a casa, tudo quanto é necessário ao sustento dos filhos.

Esta doutrina é certa. Nós temos de a dar ao mundo, encher as almas de boa vontade. A fome e sede que por aí andam é precisamente destas verdades.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais retirado do *Depósito* os valiosos nada de sempre. Não é o *nada* absoluto, que esse não existe.

Quero-me referir aos tudonadinhas caseiros, que prestaram bons serviços no seio das famílias e aqui, no seio da nossa, continuam a prestá-los. Trazem todos o escudo: *Por alma de meu marido*. Uma data de roupa branca finíssima. *Estes livros nunca foram usados por pessoas doentes*: — Uma data de livros e promessa de mais, caso sejam necessários, e eu digo que sim. Sim senhor. Mais calçado. Mais um jogo. Mais outros despojos. Mais uma data de pequenos donativos dentro de pequenos envelopes — tudo silencioso. Admiro a grandeza dos envelopes silenciosos. Pacotes de roupas, são de todos os dias e de todas as terras e com o mesmo zêlo: *E' de gente sadia*. Mas isto é igualmente silencioso. Quem dá? Não se sabe! O Silêncio! A criação é uma obra silenciosa. O fruto da Redenção, é uma obra de silêncio. Os santos, levam a vida inteira em silêncio, ocupados com a sua vida interior.

Mais um vale de 2 contos de Coimbra. Mais do Brasil dezassete mil escudos. Mais outra vez de Coimbra 500\$00. Mais um fato de Paredes. Mais roupas e calçado que nos deixou um visitante. Mais peças de flanela do Bairro—Minho. Uma coisa que muito necessitamos, é chita. Chita para cobertas de cama.

Mais de Faro uma encomenda de figos. Esta e outras cidades do Algarve, trazem-me ao espírito a saudosa recordação de três dias que ali passei, nos fins de Setembro derradeiro. Era um Dodge. Era um amigo. Era eu. De Vila Real de Santo António à Ponta de Sagres, não ficou nada por ver. Cada palmo sua novidade, pois que nunca ali tinha ido. Passamos por Loulé. Eu *tinha* de ir a Loulé...

Mais de Castelo Branco, uma *consoladela* de figos. Mais da mesma terra um sobretudo novo. Mais 500\$00 com o encargo de uma missa pelas almas. Vou aqui fazer uma revelação: Como

me tivesse obrigado, por devoção, a celebrar todos os dias do mês de Novembro pelas almas, acontece ter recebido muitas esmolos anónimas, que também, por devoção, as oferecem.

Mais da Marinha Grande uma tarifa de vidros. Mais um saco de castanhas de Traz os-Montes — mas ó que castanhas! Mais uma caixa de roupinhas para o *Príncipe*. *Roupinhas* porque pequenas, mas roupa muito fina e muito adequada. São da madrinha adotiva. O *Príncipe* esteve doente, mas já anda fino. Mais de Coimbra 100\$00 *uma migalha para a tipografia*. Mais 20\$ *para esperar por outras migalhas. Para a maior consolação da nossa alma. Neste pouco, vai o coração de uma mãe.*

Alto lá! Estas migalhas são muito perigosas. Já não é pouco que nelas venha o coração de alguém, sim, mas se é o coração de *uma mãe* que lá vem, cautela! Tenho sérios receios que me cheguem às mãos os 500 contos, antes de chegarem os maquinismos à alfândega...!

Mais notícias da tipografia. Ora escutem: *Uma nota silenciosa (mil escudos) para a nossa tipografia. Que Deus ilumine mais 499, sequiosos e famintos de Amor, Verdade e justiça.* Esta carinha vem de Abrantes. Ora escutem mais notícias. E' um M. F. A terra não sei. O carimbo dos correios é indecifrável:

Atrevo-me a sugerir a seguinte modalidade para a nossa tipografia.

No «Gaiato» abrir uma coluna intitulada «A Nossa Tipografia» e, por debaixo, o seguinte: «5.000 assinantes tem de dar, cada um, 100\$00 para a tipografia». Ao cabo de 3 números está paga a tipografia! E a tipografia do Gaiato pertence ao coração de cinco mil portugueses. Consigo as contas são assim. Al vão os primeiros 100\$00 para a coluna A Nossa Tipografia.

Eu admiro os tesouros que os homens guardam no peito e adoro. Adoro o Deus do Sinai. A Ele, toda a honra e toda a glória.

UMA CARTA

Sei — porque há muito tempo já leio «O Gaiato» — quanto V. ama o anonimato e odeia o nomezinho e as listas de caridade que não são fruto daquele amor de que todos nós temos sede, mas do amor próprio. Sei. Eu tenho aprendido imensas e admiráveis coisas com a leitura do famoso.

Eu era o presidente dos «Amigos da Boa Imprensa» no nosso Seminário de que fazem parte quase todos os alunos teólogos.

O assunto duma próxima reunião seria o grande problema do jornal português.

Eu não ficaria de bem com a minha consciência se não falasse do nosso querido «Gaiato». Falei. E fiz afirmações escandalosas — «o melhor jornal que conheço porque o único jornal onde palpita vida e amor — que nos obriga a ler tudo, tudo, até o anúncio da Husqvarna e o desafio de futebol — que as lágrimas muitas vezes saltam aos olhos da gente durante a leitura — que fica sempre a mágoa de ser tão pequeno e só quinzenário».

Li as condições de assinatura num número antigo. «Quanto custa o jornal? — Ler».

De resto, a obra do gaiato é um problema bem do nosso próximo campo de apostolado. Nós devemos procurar, nem mais nem menos, acabar com a obra do gaiato e «O Gaiato». Se fosse possível!...

O nosso assistente ao comentar e fechar a reunião confirmou as minhas afirmações e completou-as.

Ele também lê «O Gaiato».

No dia seguinte passei pelos quartos a trocar impressões — essa lista de 20 que vai junto. São poucos. Nem admira. As minhas palavras eram frias. Mas esses 20 incendiarão o nosso Seminário, creio.

O Avelino tomou conta da lista e já enviou a cada nome seu quinzenal. Há hoje um Seminário na nossa terra, aonde vinte moços teólogos, aprendem a viver e a praticar a teologia. Ciência alta. Mãe de todas as ciências, porque ciência do Amor. Deus é Amor.

Este moço, não é um inflamado, muito embora exulte com a leitura do Gaiato. É um competente. Ele chama à questão social um problema. Problema bem nosso, como ele se exprime. Aquele bem, é um superlativo, no pensamento do rapaz. Todo nosso, absolutamente nosso, quer ele dizer. Nosso — dos seminaristas. Dos padres: — O sal da terra!

Nosso próximo campo de apostolado, continua o esperançoso teólogo. Mas isto é simplesmente verdadeiro. Nunca ouvi termos tão adequados, num problema de tamanha urgência. Pela forma como se explica, este sacerdote de amanhã sabe o que quer.

Ele quereria acabar com a Obra da Rua maior Gaiato: Faz disso um dever. Nós devemos procurar acabar. Trabalhar com todo o afinco para isso: — nem mais nem menos. Maneira profunda e original de exprimir uma ansia; uma tristeza. Ele sente, faz sua a penúria do seu semelhante. Tanto, que não se lhe daria de perder a leitura quinzenal do famoso e troca-la por um bem maior: ausência de matéria prima no jornal.

Se fosse possível, diz ele. Gosto do Joaquim Bragança, mesmo sem o conhecer. Tem de se fazer muito pequenino, o mais pequenino do seu curso, se não quizer desperdiçar ou, até, vir a perder o tesouro que hoje tem!

Se fosse possível. A condição é muito bem observada. Em que muito pese aos perfeitos do mundo, a miséria social só acaba, quando a humanidade acabar. É preciso bater muito este ponto, porquanto, não falta por aí gente de bem que acredita na possibilidade da sua extinção total.

A última notícia da carta, diz que o Assistente, ao fechar a reunião, confirmou tudo quanto fôra dito do jornal, — e completou. Mais um delirante?! Seminarista ou já Sacerdote? Não sei. Não importa. Sejam os Seminários cenáculo. Não vamos nós, Padres e Seminaristas, com a nossa ciência e o nosso prestígio e nossa dignidade, a nossa posição. Não vamos nós, digo, com todas estas ninharias, prejudicar a acção do Espírito Santo na nossa alma a fazer que seja de outros, um problema que é bem nosso. Isso é que importa. Cenáculo, sim. Escola de homens importantes — não.

Joaquim Bragança, adeus. Se um dia vier a enlouquecer a fazer coisas que não convêm e o tratarem mal por isso, não faça caso e ande p'rá frente. Assim fizeram a outros. É o quinhão dos profetas. E aquele Grande, que um dia apareceu em Israel, — esse é que foi! De nada lhe valeu ter passado a fazer bem. Pagou como os mais. Pagou mais, porque maior. Como nenhum outro, porque O Maior.

MAIS UMA CARTA

Repito: Fiquei encantado, bem como os meus colegas, com o ar puro e fraternal que se respira aí. O à vontade dos garotos, revelava-nos bem que o seu espírito é formado e guiado com aquela liberdade indispensável e salutar que as crianças tanto precisam, e que, muitas vezes, mesmo as ricas não tem.

Um garoto que, entusiasmado, com uma alegria infantil que nos fazia bem à alma, nos mostrou o gado bovino, deixou nos admirados quando nos disse que era ele e outros da sua idade que rachavam aquele enorme monte de lenha que se via na quinta! E lembrar-se a gente que andam por aqui tantos «matulões» a pedir, com tão bom corpo para trabalhar! Que pena não haver muitas Casas do Gaiato, para acabar com tal miséria! Mas infelizmente, ela não é ainda devidamente compreendida. O que lhe digo é que, quem fôr a Paço de Sousa e tiver coração, e não uma pedra em seu lugar, vem para casa com uma vontade enorme de o ajudar, e com pena, muita pena, se o não puder ajudar mais.

Eu acho estas cartas preciosas, como sincera colaboração do jornal; por isso as dou à luz. Não há nada que faça tão bem às almas, como uma alma a dizer o que sente.

Mesmo que seja a dizer mal, faz bem. A gente acode logo ao que se diz. Há fundamento? Cautela! Vamos a melhorar. Não há fundamento? Deixa arder!



Os mortos falam

A notícia do cemitério na redacção, conforme aqui se deu em o numero derradeiro, foi simplesmente fulminante! O numero de cartas, só visto! Os quatro grandes andam que nem gatos com seu chocalho. Tem sido o Avelino a ir ao correio por elas. Lá longe, já me grita: Hoje é que é!

Chega acima, senta-se ao pé de mim e começamos ambos a escutar os mortos.

Este também é. São envelopes que trazem o nome por fóra e como o rapaz os conhece, das fichas e de memórias, imediatamente informa: Este é. Era, digo eu. Era. E começo a contar o dinheirinho que vem dentro, ou a notícia do vale.

É uma espécie de ressurreição universal. Ele engenheiros. Ele doutores. Ele sacerdotes. Ele comerciantes e operários. Ele caixeiros e professores. Ele estudantes. Do norte, do sul, do centro. Uma ressurreição. Um sacerdote pede que o tirem do limbo e cita versículos da Escritura sobre a doutrina da ressurreição final!

Todos ressuscitam para uma vida melhor, pelo que confessam nas suas mensagens. Alguns querem saber na volta e sem falta, qual a sua posição nos ficheiros.

Foi o canto. Foi o canto que os enxutou a todos... e a todas, — porque também havia muitas delas no canto. Oh palavra! Cada vez gosto mais de Alfredo, porque nasceu dele.

Tantas cartas que se escrevem por esse mundo além a pedir dívidas! Tantas questões em tribunal pela mesma causa. Tanto sangue e tantos mortos! Aqui não.

Quer dizer, ninguém gosta de estar arrumado a um canto.



Ainda uma carta

É das Caldas. Caldas da Rainha. Quero ser um dos 5000 leitores a darem 100 escudos para a tipografia dos Gaiatos. É pouco? Também os leitores são mais de 5000. Fica levantada a lebre; quem tiver «chumbo e pontaria» que lhe atire.

Então Leiria e Maceira-Liz já viram o documentário da Casa do Gaiato e Caldas da Rainha, que já «piou» no ano passado e com as coisas já pensadas... nada.

Vale mais cair em graça... que ser engraçado, não há dúvida.

Quereria escrever, mas não sei a quem. O Senhor não assina, por isso aqui vai o recado. Ir às Caldas com o Documentário? Pronto. Pronto. Nem é tarde nem é cedo. Arranje e meu amigo palco e público. Casa cheia do que houver aí de melhor. Bandejinhas à saída e mais nada.

Como o P. Adriano fica a dois passos, ele comparece e colhe e deixa de me sarnar por um tempo. Ora aí tem. Torne a piar. Até muito breve.

O nosso jornal

Depois da jornada de Leiria e Maceira de que nos ocupamos em o derradeiro número, conquanto eu não houvesse pedido assinaturas, o certo é que muitas delas teem chegado, espontâneas e generosas. Viram. Viram a Obra da Rua no ecran e está tudo dito. Entre muitas cartas recebidas não me tenho que não dê à estampa esta:

Estou contentíssimo por ter ontem visto no ecran a aldeia dos nossos gaiatos. Que alegria na cara dos rapazes e no viver da aldeia!

Quería contar-lhe o que senti e sinto mas não o sei fazer.

Que Nosso Senhor os ampare e abençoe. Junto envio nomes de assinantes.

Primeiramente, a alegria da pessoa que a escreve, tanta e tanta, que desejaria contá-la, mas não sabe como há-de fazer. Aquela alegria, nasce de uma outra, qual é a da cara dos rapazes e do viver da aldeia.

O desabafo espontâneo desta alegria, indica que ela é um dom do Alto. Senão veja-se:

Que Nosso Senhor os ampare e abençoe.

A carta segue o raciocínio de quem a escreveu. Adivinha-se o estado d'alma, a nobreza, a luz em que o anónimo vê as coisas. O remate é natural: Junto envio nomes de assinantes. Pronto.

Aqui temos uma pessoa de Deus a saborear eficazmente uma obra de Deus. Por aqui se demonstra plenamente que a fome e a sede que vai no mundo, não é das coisas do mundo. Todos nós trazemos no peito a semente da Eternidade e apenas encontramos um bocadinho de terreno, logo queremos germinar. Sim. Nós. A semente, somos nós! E daqui nasce que mesmo aqueles ou aquelas que não acreditam na Eternidade, interessam-se e vibram com as coisas eternas. Pois que são as nossas aldeias, os nossos rapazes, a nossa obra? O que é este nosso jornal? Que é tudo isto senão somente a palavra forte da Escritura: Tudo o que não seja eterno, não é verdadeiro!

Uma coisa que anda muito acertadinha, é o endereço dos vales, feitos a pagar em Cete. Estação de Cete. Nem sempre ali há dinheiro, sim, mas a gente vai a Paredes, que é um salto. Os rapazes da redacção morrem por lá ir. Bicicleta! Porém, de longe a longe, aparece um teimosinho a pôr Penafiel e Pôrto. Aparece sim senhor. Raro — mas aparece. E até melhor. Ontem, veio um vale a pagar em Lousada. Lousada! Nada que justifique. As duas cidades acima citadas, não há grande mal. Uma, fica perto de Paço de Sousa. Noutra, temos casa. Mas Lousada! O Cete, estava ao pé e alvitrou: Isso é namoro. É namoro em Lousada. Alguém que está afeito a escrever para lá e agora tudo é Lousada! Senhores assinantes, cautela. Muita cautelinha. Não me venham acender precocidades...

Outra coisa em que muito reparei, foi uma carta de Lisboa, aonde o assinante declara que em dia de jornal, não pode dormir sem o ler de ponta a ponta, e que não dorme mesmo! Hom'essa! Um assinante de Lisboa? Terra de Estrelas, de Sumidades, de Delícias! Tanta coisa que deveria, na verdade, perturbar o sono e este assinante não pode dormir por causa do Gaiato?! Que será? Chamaram-lhe um dia o Desordeiro, sim, mas que o fosse tanto, não cuidava eu!

Mais novo reparo. É uma carta que tenho aqui sobre a mesa de trabalho, de onde extraio a seguinte notícia:

«Meu marido, que não ficou nada satisfeito por eu ter assinado o jornal, hoje não me entrega sem primeiro o ler de princípio ao fim». Mas há mais. O marido que ralhou com a mulher por ter assinado, manda agora dinheiro para um outro assinante!

E que dizer da notícia de um senhor de algures, que nunca entrou dentro de uma igreja em sua vida, nem depois de morto lá quer entrar — pois também esse senhor, em dia de jornal, esconde-se no seu quarto e só de lá sai depois de o ter passado todo!!

Como é verdadeiramente grande o amor de Deus pelos homens!

Nós já o sabemos, do Evangelho, mas aqui fica a prova, se alguém não conhece o Evangelho. Que amor! Até um jornal serve para chamar os transviados!!

Uma cartinha que muito e muito nos alegrou, foi uma da Vila Mariano Machado, Angola, aonde vem o nome de doze novos assinantes, chequezinhos à frente, a alumiá-los... Doze novos assinantes em África, isto é, doze portugueses deletados.

Uma outra de que também muito gostei, foi esta: De 4 caloteiros, que se penitenciam e mandam as respectivas importâncias. Muito bem. Já saíram do canto. Do lugar sombrio. Passaram p'ra zona do sol. Foi o Avelino que fez a mudança.

AQUI, LISBOA!

Vai aumentando o número de visitantes. Muitos vêm já pela segunda e terceira vez. Querem acompanhar o progresso da casa.

Ficam satisfeitos porque a quinta está melhor, porque já há mais camas feitas e mais lugares à mesa. Outros vem pela primeira vez verificar por seus próprios olhos a veracidade do que aqui dizemos. Sente-se que se começa a olhar com mais carinho para a sorte dos infelizes. Lisboa começa a despertar.

Ainda há pouco a Vacuum enviou uma numerosa deputação de empregados. A cotização deles vai já em 1.100\$ mensais. Cremos que, depois do que viram, o interesse deles não resfriará.

Um casal apareceu também aqui, declarando que vinha desobrigar-se.

—Mas a quaresma ainda vem longe...

—Não faz mal. Nessa altura desobrigar-nos-hemos outra vez. E deixou 1.000\$.

Ainda bem que esta doutrina vai colhendo adeptos. Era voz corrente que, de tudo o que Deus nos confiou o tostãozinho dado por esmola, era suficiente para tranquilizar a consciência. Estes não entendem assim, e, por isso, declaram: não é uma devoção, é uma obrigação que vimos cumprir.

Há senhoras que vem trazer camisolas trabalhadas por suas próprias mãos com muito carinho.

Flanela: isso é que está a fazer muita falta; um retalho dela que cá veio ter é prenúncio de um quilómetro da que há-de vir. O inverno já veio.

E' também comprida a lista do que cada visitante deixou em dinheiro. Todas as notas saídas da Casa da Moeda ficaram representadas com um ou mais exemplares. Tanto como as suas notas, valem os prestimos de quem as deu. Um Juiz da Tutoria, o director dum diário, um engenheiro dos Correios, ofereceram os seus serviços e nós vamos aproveitar a deixa.

Mais calçado, figos secos, roupas usadas dos nossos amigos da Vacuum. Mais quatro dúzias de colchões, um divan, um cabaz de bananas, artigos escolares, tudo de Lisboa. Mais seis sacas de farinha entregues a um dos nossos Rapazes, que levava mil escudos para as comprar e trouxe uma coisa e outra.

Por falar em jornais, mais uma nota simpática. Subi ao colosso do Diário de Notícias, a saber notícias do «Xerxes». Muito boas: que está de saúde; que não calhou a ninguém; que vai outra vez sujeitar-se à sorte de quem quiser dar 50\$ por cada rifa e das que foram vendidas a 100\$, coube aos gaiatos um terço.

Pelo que, deixei um papelinho com quarenta e três escudos de selos, e trouxe o resto. Um senhor Administrador confiou-nos essa quantia muito satisfeito, e eu muito mais, pelo bem que os quatro centos e quatro compradores das rifas fizeram a si mesmo e à Obra da Rua.

Da Cova da Iria, mais cinco contos para completar a bolsa de estudos dum dos nossos sominaristas. São actualmente quatro, mas só dois têm quem os auxilie. Todos eles vocações perdidas por falta de meios. Nós aproveitamos o que os outros regeitam. Estes foram regeitados por serem pobres. Quem quiser ter a devoção de dar um Padre à Igreja e à Obra, tem agora a oportunidade. Precisamos para este ano de mais duas bolsas de estudo.

* * *

Mas a que propósito vem os padres se a Obra é de Rapazes?

Também as estradas são dos transeuntes. Nem as fontes, nem as sombras, nem as pontes, nem os letreiros, lhes tiram esse direito ou estorvam a passagem. Quem por elas passa, bebe, descansa, transpõe, orienta-se e segue o seu caminho. Esta a missão dos assistentes. O rapaz orienta-se e segue. Mais: o padre é um servo, um operário. Alguem que aqui veio e me viu sem indumentária eclesiástica, foi dizer ao mundo do seu escândalo: o padre largou o cabeção!

As serras ouviram e o eco voltou a dar-me a triste notícia.

O peor é que eu venho confirmar a verdade, o irremediável escândalo.

O preto, por não ser côr, tem a propriedade de fixar todas as cores. Vem o pequeno batata pintado de terra e orvalho, por andar a mondar entre canteiros, e quer dar um beijo. Havemos de dizer, como já ouvi — arreda que estás sujo? — Não! Mas sobre o preto da batina aparece uma série de hieroglifos... Vai o pequeno trolha a chapar as paredes de cal. A colher não é leque de senhora. Para ele ou aparo eu. E lá vem uma centena de perolas brancas agarrar-se à sotaina já manchada. Anda o pequeno agricultor a encaminhar o rego de água por entre hortaliça sequiosa. A enxada dá em cheio na conduta a transbordar; levanta-se uma rajada de lama. Quem quiser que se arreda! Ai da minha pobre batina!

Então de duas uma: ou montar uma fábrica de pano preto, ou aparecer aos Ministros, aos prelados coberto de condecorações.

UMA TRISTEZA

Aqui há tempos, estando as coisas muito feias com a Casa do Gaiato de Lisboa, eu escrevi ao P.^o Adriano, aonde lhe dizia que não tivesse medo e se desse à cultura de flores. Cultura barata, formosa e de lucros razoáveis.

Assim aconteceu. As primeiras flores, já deram entrada no mercado e aqui é que vem a grande tristeza. Tirei-a do *Aqui Lisboa*, no derradeiro numero. Diz o jornalista, a propósito da vida agrícola do povo do Tojal, que um dos nossos rapazes viu vender na Praça por quinze escudos, um ramo de flores que ali vendera por dez tostões!

Eu acredito. Acredito pela pessoa que informa. Acredito pela indole do jornal. Acredito pelos usos e costumes dos tempos que vão correndo. Eu acredito.

E agora pergunto; que juizo ficará este rapaz a fazer do mundo que o espera? Que alegria ou estímulo pode ele experimentar no futuro trabalho dos seus canteiros de flores? Para quem trabalha ele?

E isto com flores! O que de mais belo há no mundo! Jesus Cristo falou delas, quando quis empequenecer as grandezas de Salomão.

Assim se suja a beleza! Assim se furta a um rapaz o gosto de ser um homem! Ele é testemunha. Ele viu como se rouba para enriquecer, e foi preso algumas vezes, quando roubava uma sardinhita para comer! Ele é da Figueira da Foz. Culpa? Nós todos, a começar pelos grandes. De cima é que veem as lições, sim, mas também é culpado todo aquele que as toma. Ninguém cuide que no tribunal das contas derradeiras, pode facilmente fazer como faz hoje; — desculpar-se com os outros. Ninguém!

CANTINHO

O Prata que trabalha na Camisolândia é natural da Covilhã, telefonou-me há dias do Porto, se podia ir à sua terra natal, em companhia de uma família. Ouvi o recado, e depois de inteirado de todas as condições, respondi que sim senhor. De regresso daquele passeio e no primeiro encontro que comigo teve, o Prata desfez-se em notícias e pede-me que bote tudo no jornal. Comeu numa Pousada, ficou num hotel da Covilhã. Os senhores a mandar comer. Um quarto muito bom. As coisas que lhe deram. Tudo. Ponha no jornal.

Pois sim senhor; está. Agora, que põe a humildade necessária ponder. Humildade no trabalho. Humildade interior,

Não julgue o senhor Prata, ele e todos os mais Pratas, que aqueles senhores o levaram de passeio por ele ser quem é. De maneira nenhuma. Levaram-no, sim, por ele ser o que foi. Ora é justamente esta a posição de todos os habitantes das nossas casas. De todos vós, rapazes. Que nenhum se engane a si mesmo.

Olhai, meus rapazes. Ninguém precisa de vós para coisa nenhuma. Não fazeis falta a ninguém. A fábrica, a loja, a oficina aonde trabalhais. As nossas casas, aonde viveis às centenas; — em todos estes lugares sereis num instante substituídos, no dia em que a senhora importancia, a senhora arrogancia, entrar dentro do vosso coração.

O mundo só vos ama, enquanto fordes humildes. Só precisa de vós, enquanto fordes humildes. Agora é assim. Amanhã, se conquistares posição alta, também assim é. O posto natural de todo o homem é este: a Humildade. Sempre que o abandona, desequilibra-se e cai no chão.

Visado pela Comissão de Censura

Eu opto pelo *fato-macaco*. Não me parece que ao Padre da Rua fique mal o damasco ao altar, a sarga na rua e o *fato-macaco* entre os operários da nossa casa.

O Mestre tirou a capa para remar com Pedro contra os ventos; tirou-a também para lavar os pés a Judas e largou a própria túnica, entre ladrões, para salvar o mundo. Ele o Servo — o Operário...

PADRE ADRIANO

Exposição das Obras Públicas

Ainda hoje tenho pena de não ter sido convidado, como toda a Imprensa o foi. E com mais pena fiquei depois de ter sabido como as coisas correram. Ficou de fora o *Galato*. Um jornal que paga tributo, que está sujeito e cumpre as leis, que se vende e se lê como os mais e ficou de fora! E os outros foram! Oh pena! O que me vale, para agora poder dizer alguma coisa, foi uma visita que ali fiz, logo nos princípios da Exposição, na companhia do Padre Adriano. Dispusemos o dia para a romaria e lá fomos. Corremos todas as dependências de todos os pavilhões, guiados por legendas e um ou outro esclarecimento de um ou outro empregado. Não tínhamos o saber. Não estávamos a par nem à altura, mas que importa? Estavam as indicações de obras públicas estendidas de norte a sul de Portugal, gosadas e possuídas por portugueses.

Pode muito bem acontecer haver deles que não acreditem nos Homens do Leme; pode, sim. Estão as obras. Falam as Obras.

E já agora, como os jornais são para dar notícias, eu quero aqui dizer de como a Obra da Rua, que é hoje menina dos olhos de tanta gente; quero revelar, digo, de como tem sido favorecida por aquela Secção. Ora queiram lêr. No ano de mil novecentos e quarenta e três — trezentos e quatro e igual quantia no de quarenta e cinco. No de quarenta e seis, um nadinha mais. Como o Ministro quizesse ter vindo assistir à inauguração da aldeia, em vez dum discurso, deu cem contos. Vem agora o ano de quarenta e sete com igual soma. Este em que estamos, não ficou a dever nada aos outros: mil e novecentos contos.

No próximo Janeiro, lá estou... Temos um título: obras em Paço de Sousa. Obras em Miranda. Obras no Tojal. Temos uma consolidação: a facilidade de verificação às nossas obras, por técnicos do Ministério. Temos uma certeza: o reconhecimento da sua necessidade.

No próximo Janeiro lá estou. Faz muito frio cá pelo Norte e Lisboa é mais quentinho...

SAUDADE

Abri agora mesmo uma carta da Murtosa, que me fez chorar. A carta não; o José Maria! A carta embarrou na ferida que eu trago e fez sangue!

Ficaram tantos rapazes na aldeia; tantos, — mas eu queria aquele...!

Chamava tantas vezes pelo nome dele! Ele chamava tantas vezes por mim!

Os outros também chamam, sim. Mas eu queria ouvir o José Maria!

Ele era o caso vivo de todos os dias, na vida de nossa casa. Entrava em todas as questões.

Precisamente no dia em que ele baixou à enfermaria, com saude aparente, ouvia-se o boato: *O Sapo está a fazer ronha*. Eu mandei saber. Foi lá o Norberto de meu mando.

—Então?
—Ele queixa-se de uma perna. Eu espreitei e não vi marca nenhuma.

Fui eu ver e notei a marca. A marca estava no rosto...! Veio imediatamente o nosso médico assistente. Veio mais vezes. Veio as precisas. Tudo baldado.

O João Maria fol-se. Trocou a nossa aldeia pela sua morada!

Notícias da Casa de Miranda do Corvo

por CARLOS FERREIRA

1 Já se vai aproximando o Natal e nós não temos roupa para vestir. Pedimos aos nossos leitores que nos mandem alguma roupa ou pano para a fazer. Vem aí o Inverno e a gente não temos roupa para vestir e sapatos para calçar. Morremos de frio!

2 O nosso cronista foi para o Lar dos miúdos, para frequentar em Coimbra a escola comercial e para um emprego. O Lisboa foi para um escritório de Coimbra. Ele veio cá no dia 14 deste mês ensaiar os rapazes que vão a Aveiro com o nosso filme. O pai Américo vai dizer algumas palavras à Emissora em Aveiro.

3 Os nossos rapazes andam a pedir ao senhor Padre Manuel que querem uma bicicleta; pedimos aos excellentísimos leitores se nos podem mandar uma para a gente se entreter de vez em quando.
— — — Continua na página seguinte — — —

Isto é a Casa do Gaiato

NOTOU-SE ontem grande barulho na cozinha. Ele barulho há sempre, sim, mas naquela ocasião, era desmarcado. Vou a ver do que se tratava. Encontrei o Pintarrocho à porta da dispensa, hirto, resoluto, e mal encardado: *Não levas. Não te dou nada. Não tenho ordens do Constantino.*

Ora vamos explicar: O Pintarrocho, é o actual dispensário da boroa, que sucedeu ao Mãezinha, o que não prestava para nada. As suas palavras eram dirigidas ao Pernas, que resolveu sair da sua obrigação a ver se arranjava boroa. O Constantino, é o Cozinheiro-chefe, que pelo que aqui se vê, dá as suas ordens e é obedecido. De sorte que, por amor desta formidável organização, vai a gente arranjando para boroa. Porque, não fôsse a obediência do dispensário ao cozinheiro, os Pernas seriam às duzias e a boroa iria como manteiga. Viva o Pintarrocho.

O Cete saía da loja de barbeiro de fazer uma operação, quando eu passava. Não era barba, nem era cabelo. Então que tinha sido? Cheirinho. O Cete foi ó cheirinho, depois do que preparou-se com o fato melhor, tomou o material da expedição do famoso, e seguiu para a casa do Porto. Isto foi numa quarta. Quinta e sexta, Cete despacha para o correio. Sábado, Cete vende duzentos exemplares nas ruas e à noite chega a casa, por causa da bola do domingo. Cete é avançado-centro. Até aqui, muito bem. Agora o que se me afigura não estar nada certo, é o Piriquito ter levado cinco tostões pelo

cheirinho! Ter levado a este e fazer o mesmo aos mais. Não é bom companheiro. Um nadinha de ganancia, porquanto o cheirinho é uma oferta da Casa Tinoco. Ora nós devemos dar de graça o que de graça recebemos.

VOU contar agora uma coisa que se passou há tempos. Esteve aqui na freguesia, um circo. Era no largo do Cruzeiro, a desafiar... Esteve mais de um mês. O que eu passei, não é de dizer a ninguém. Um circo lá fora é 150 rapazes cá dentro. Alguns d'elles, eram de circos!

Ora muito bem. Um dos artistas, rapaz da idade dos nossos e filho do dono, não saía da aldeia. Ao jantar, entrava no desalinho da malta, sentava-se à mesa e comia. Todos o queriam na sua mesa. Era verdadeiramente disputado. Nos recreios idem. Sebastião era o seu nome de artista. No século, tinha outro. Dia em que Sebastião não estivesse, não era dia.

Este caso passou-se naquele tempo e agora anda aqui um semelhante. É o rapaz do peixe. O rapaz que fornece o peixe. Vem de bicicleta com um tabuleiro atrás, aonde o peixe é conduzido. Come. Os cozinheiros dão-lhe de comer à farta. No fim, alinha no campo dos jogos. A bicicleta do peixeiro, sardineiro, como eles lhe chamam, anda de mão em mão, tabuleiro atrás! Ontem, era o próprio cozinheiro-chefe, que deixa tudo na cozinha e vai girar pelas vendas. Berro da varanda da casa mãe.

—Oh rapaz; olha o jantar.

—Está tudo pronto. Desço ao refeitório, e agora é o chefe numero um que anda de bicicleta! Chamo o sardineiro e digo-lhe as ultimas. O rapaz abaixa a cabeça e exclama: *Eles é que ma tiram.*

Ora tudo isto é absolutamente normal. São rapazes. Há só uma maneira de evitar esta necessária desordem; é pedir ó pai do sardineiro que venha cá ele trazer o peixe em vez de mandar o filho. E é isto que eu vou fazer.

ESTEVE cá há dias a *senhora do Amandio*. Já há um rôr de tempo

que por cá não aparecia. Foi um verdadeiro acontecimento. Era uma procição de rapazes, dos seus velhos amigos e conhecidos, que nunca mais a largaram, desde a horinha em que chegou até que se foi embora. Era tudo a *Senhora do Amandio*, e a *senhora do Amandio* desfêz-se em coisas e em dinheiro! Deus ajude a *senhora do Amandio*.

Apareceu agora em Lisboa uma nova *senhora*, segundo leio na crónica do Tojal. É a *senhora dos bois*. O crónista já falou por duas vezes na *senhora dos bois*. Não foram de barro; foram dois bois. Uma junta de bois com pele e pelo. Sim senhor. Nunca tal se viu! Viva a *senhora dos bois*!

Notícias da Casa de Miranda do Corvo

Continuação da página anterior

4 Temos quase prontas as obras que andamos a fazer. Mas temos ainda que estragar os currais dos animais e algumas casas que compramos para construir tudo de novo porque estão em mau estado. Estamos ansiosos para fazermos um campo de futebol.

5 Eu pedia aos nossos leitores se me podiam mandar selos usados ou pratos que eu ando a juntar e se me podem mandar uma ou duas cadernetas para eu os colar. O pai Américo veio cá há dias e foi estriar um quarto muito novo só para ele. Ficou muito contente porque estava muito limpo e arrumado. Eu sou o que arrumo os quartos dos senhores.

6 O mesmo senhor que nos deu as camisolas da nossa equipe também nos deu o pano para os calções e disse-nos que havia de mandar as choteiras. O que agora falta é uma bola porque a outra já está velha.

7 Já cá temos um sapateiro. O Barrigana já sabe pôr meias-solas.

8 Para a Louzã seguiu agora mesmo o Ratinho e o Carequita, para vender o gaiato. Vamos lá a ver quantos vendem. A Miranda vão lá terça ou quarta-feira. Deus permita que vendam tudo.

9 O Zé das Bolas anda sempre na brincadeira e o Senhor Padre Manuel anda sempre a ralar com ele: *Zé das Bolas trabalha.*

Quando o Senhor Padre Manuel vira costas lá vai ele para a brincadeira. É um desgraçado.

10 No dia 14 de Novembro de 1948 reuniram-se os rapazes da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato com assistência de todos os confrades, assistente e presidente.

Rezaram-se as orações do início e em seguida fez-se a leitura Espiritual pelo livro Segredo de Heróstratos. O capítulo que foi lido intitulava-se César na tempestade. Seguiu-se a explicação do texto que incitava o Jovem cristão e principalmente o Jovem confrade a lutar pelo bem na tempestade da vida, pois quem vai no nosso leme é Jesus. Seguiu-se o inquérito: os confrades foram interrogados de como se tinham desempenhado da visita aos pobres antes realizada. A pobreza do Carapinhão estava em casa e aí decorreu a visita com amena conversa. No Corvo, o homem está melhor e pediu-nos uma caixa de pomada. Na estação a pobrezinha pediu-nos um cobertor. Nas Miãs o pobrezinho também nos pediu um pouco de chá e o outro pediu-nos uma caixa de pomada. De resto todos os nossos pobres estão bons. Como não havia mais nada a tratar fez-se a colecta que rendeu 7\$50 e encerrou-se a sessão com as orações habituais. Pedimos aos nossos leitores se nos podem mandar alguma roupa para os nossos pobres.

Presidente: José Maria Saraiva
Secretário: Armindo Rosa Henriques
Tesoureiro: Fernando Alexandre Guedes

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

por João Pedro

1 O nosso Overland continua a ser melhor do mundo! Aqui há dias fomos até Leiria nele. A viagem foi agradável, tudo correu bem! Fomos por C: l: das, S. Martinho do Porto, Nazaré, Alcobaca, Batalha etc. Ssimos às nove e meia, e quando chegamos a Nazaré eram horas de almoço. Como tínhamos levado alguma coisa subimos ao Sítio e aí comemos. Em Alcobaca fizemos a segunda paragem e fomos ver o convento. A terceira foi na Batalha. Entramos, gostamos muito de ver este lindo mosteiro. A's três e meia da tarde estávamos em Maceira. Nós ganhámos a corrida porque fomos os primeiros a chegar. Esperamos uns minutos e logo entra pelos portões daquela fábrica o Morris e dentro dele o pai Américo o senhor P. Manuel e também aquele senhor que arranhou tudo para nós lá irmos. Correu o documentário, falou o pai Américo e vieram de lá quase quatro contos. Leiria deu-nos bem perto de dez! O senhor P. Manuel ficou com o dinheiro todo. O pai Américo diz que o senhor P. Adriano ficou sem nada mas não. Nós tínhamos levado 70 jornais, andamos a vendê-los por lá e apuramos 230\$00 que ainda deu para a gasolina. Houve quem dissesse: põe ali o dinheiro que o peditório de hoje é para Miranda, e eu dizia: deitem 35 litros de gasolina no automóvel e podem levar o dinheiro. No fim de tudo isto partimos para o Tojal e às dez horas da manhã estávamos em casa. O nosso Overland portou-se muito bem o pior é que de 20 em 20 quilómetros era preciso dar-lhe um pirolito de gasolina. Cada pirolito representava três litros.

2 Agora é que já passamos dos cinquenta! Somos cinquenta e dois. Estes últimos rapazes que vieram são: um de Chaves, dois de Lisboa e um de Leiria. O de Leiria veio quan-

do lá fomos no automóvel. O de Chaves já tem catorze anos e o que mais interessa é jogar a bola. Estão cá dois rapazes de Setúbal e como não podem chamar-se as dois *Setúbal* resolvemos chamar a um *bucha* porque é gordo e, ao outro *estica* porque é muito magro.

Quase todos os dias aparecem aqui pessoas com rapazes para ficarem cá, mas a gente temos que os deixar voltar para traz porque não temos mais lugares. Há dias veio cá uma mulher com um rapazito a pedir para cá ficar porque o homem dela era muito mau, não lhe dava dinheiro e da ultima vez que lhe bateu partiu-lhe os dentes quase todos.

3 Lisboa continua a avançar. Os nossos vendedores cada vez estão mais contentes. Agora neste ultimo tornaram a dizer: os 700 já não chegam. tens de mandar vir mais. O Manuel pedreiro leva 65 e quer mais 25. O Manteigas também quer mais vinte. E todos dizem a mesma coisa. Desta vez chegamos aos novecentos escudos.

Até aqui tem sido o senhor P. Adriano a pedir, hoje peço eu mais 100 à minha responsabilidade.

4 O mês de Novembro trouxe frio que já custa a aguentar. Os mais pequenos de manhã não podem andar, com tanto frio nos pés. A senhora às vezes manda-os para o pé do fogão e eles lá, já trabalham mais, porque têm menos frio. Agora precisamos é de flanela para fazer blusas para eles e se chegasse também para os mais velhos era muito bom porque não podemos ir para o pé do fogão temos que andar sempre cá fora nos trabalhos. Agora já faz frio mas vem perto o mês de Janeiro e então é que são elas. Vamos a ver quem nos ouve...

Crónica da Nossa Aldeia

No dia 7 de Novembro o Sr. André Moura jornalista, veio-nos trazer uma grande surpresa que nós não esperávamos.

O Sr. Moura trouxe-nos filmes de 16 mm. próprios para a nossa máquina.

A primeira fita que se passou foi a demonstrar-nos como se faz a electricidade. A água era aproveitada dos rios e daquelas cascatas e depois passavam por grandes canais que conduziam as águas às grandes centrais e aí por meio de grandes máquinas fazia-se a electricidade. Depois vimos a electricidade nas casas, nos fogões eléctricos, os tanques a encherem-se por meio de electricidade e depois os grandes postes e depois veio o fim.

O outro filme seguiu-se com as festas da cidade do Porto.

Nós gostámos mais deste filme do que do outro. Vimos a iluminação eléctrica da cidade, as ruas todas, o fôgo aquático iluminadas

no Palácio e no Douro, o combate naval tudo muito bonito.

Também vimos em Braga e em S. João da Madeira, tôdas estas festas eram muito bonitas.

A outra fita começou com a feira de Vila do Conde as mulheres a trabalhar em rendas de bilros o Sr. Governador Civil do Porto a inaugurar casas económicas e a fazer um discurso.

Também vimos a fábrica de pneus (Mabôr) como é que se fazem, a cortar, a furar e tudo muito bem arranjado.

O filme sobre electricidade foi uma boa lição tudo muito bem explicado pelo Sr. Moura. Ficamos a saber muito bem como se faz a electricidade originada, coisa de que antes não fazíamos ideia.

P. S. — Fazer electricidade?
Ver electricidade?
Só na Casa do Gaiato!